

Perdas e ganhos advindos com a parentalidade recorrente durante a adolescência

Losses and profits due to recurrent parenting during adolescence

Las pérdidas y los beneficios causadas por la parentalidad recurrente durante la adolescencia

Geraldo Mota de Carvalho*
 Maria Cristina Pinto de Jesus**
 Miriam Aparecida Barbosa Merighi***

RESUMO: Trata-se de um estudo qualitativo de abordagem fenomenológica, realizado a partir do depoimento de 15 adolescentes que vivenciaram a repetição da paternidade/maternidade na adolescência. Os resultados evidenciaram cinco categorias temáticas, que foram analisadas e interpretadas à luz do referencial teórico-filosófico de Alfred Schütz. Dentre as categorias emergidas dos depoimentos destacou-se o tema "Vivenciando perdas e ganhos", que será apresentado com o objetivo de estimular a reflexão sobre aspectos existenciais da experiência da parentalidade recorrente nessa fase do ciclo vital.

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na adolescência. Psicologia do adolescente. Fenomenologia.

ABSTRACT: This is a qualitative phenomenological study carried through from reports of 15 adolescents who had lived deeply the repetition of paternity/maternity in adolescence. The results evidenced five thematic categories, all of which were analyzed and interpreted according to Alfred Schütz' theoretical-philosophical theses. Amongst these categories coming from reports, one was the most relevant, namely, "Living deeply losses and profits", which is explored in the paper aiming to encourage reflection on existential aspects of the experience of recurrent parenting in this phase of the vital cycle.

KEYWORDS: Pregnancy in adolescence. Adolescent psychology. Phenomenology.

RESUMEN: Este es un estudio cualitativo fenomenológica llevado a cabo a través relatos de 15 adolescentes que han vivido profundamente la repetición de la paternidad/maternidad en la adolescencia. Los resultados evidenciaran cinco categorías temáticas, que fueran analizadas e interpretadas a la luz del referencial teórico-filosófico de Alfred Schütz. Entre las categorías emergentes de los relatos, el tema "vivir profundamente las pérdidas y beneficios" se destacó y por eso que será presentado con el objetivo de estimular la reflexión a cerca de los aspectos existenciales de la experiencia de la parentalidad recurrente en esta fase del ciclo vital.

PALABRAS LLAVE: Embarazo em adolescência. Psicologia del adolescente. Fenomenologia.

Introdução

Nas últimas décadas no mundo, a repetição da parentalidade na adolescência tem aumentado, porém esta fica mais evidente nos países emergentes, tendo em vista a pouca escolaridade, a falta de informação, a desagregação familiar, a instabilidade econômica, especialmente, nas adolescentes de nível socioeconômico mais baixo (Carvalho e Merighi, 2004).

No Brasil, nos últimos anos, observamos que a taxa de fecundidade da mulher adulta abaixou; no entanto, parece estar aumentando na população adolescente (Brasil, 1997).

No Estado de São Paulo, em 1998, foram feitos 45 mil partos de adolescentes que estavam na terceira gravidez (Cotes, Aranha, Barbi, 2004).

Bocardi (2003) registrou dados estatísticos mostrando que 40%

das adolescentes voltam a engravidar, após 36 meses da primeira gestação.

Carvalho e Barros (2000) verificaram a recorrência da segunda gestação, nesta faixa etária, foi de 14% e da terceira gestação 5%, em uma amostra de 100 indivíduos entre 12 e 19 anos.

Segundo Almeida et al (2003) a maternidade na adolescência é um grande desafio que precisa ser enfrentado. Estudo realizado com 140

* Enfermeiro obstetra. Doutor em Enfermagem pela Universidade de São Paulo - USP. Docente e coordenador do Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica do Centro Universitário São Camilo. E-mail: enfobstetrica@scamilo.edu.br

** Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela USP. Docente da Universidade Federal de Minas Gerais em Juiz de Fora.

*** Enfermeira obstetra. Professora associada do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da USP.

adolescentes no interior paulista, constatou que 24% destas já estavam na segunda, terceira, quarta ou até quinta gestação e 10% já haviam praticado aborto, pelo menos, uma vez.

No estudo realizado em uma maternidade filantrópica da cidade de São Paulo, Gomes (2004) constatou uma reincidência de gestações na adolescência de 30,4%.

Belo e Silva (2004) verificaram uma repetição da concepção na adolescência (duas ou mais) em 22,2%.

Para Marsiglio (1993) a paternidade nesta faixa etária pode ser uma afirmação da masculinidade e virilidade. Assim, os jovens cientes de que foram responsáveis por uma gravidez prévia, são menos prováveis de utilizar anticoncepcionais eficientemente do que aqueles que nunca engravidaram alguém. Os primeiros costumam relatar prazer na paternidade e um "realce" em sua masculinidade.

Observamos que preocupação com a saúde do adolescente tem ganhado proeminência mundial. Assuntos relacionados à saúde reprodutiva são de importância vital aos jovens, conforme estão se preparando para desempenhar o papel de adultos e representar o futuro de uma nação.

Para Sadigursky (2001), os programas educacionais executados até o momento demonstram que a informação tem chegado até os adolescentes de maneira satisfatória, faltando, portanto, o desenvolvimento de esquemas comportamentais. Muitas adolescentes, independente da classe social, mesmo conhecendo métodos anticoncepcionais, muitas vezes, não os usam, provocando o crescimento da geração das avós que também são pais de seus netos, tomando para si a responsabilidade de criá-los.

Não podemos menosprezar a condição vicissitudinária que envolve a parentalidade somada às transformações próprias da adolescência, tendo em vista que esses jovens ainda não se encontram suficientemente habilitados para lidar com eles mesmos.

Chamo a atenção para o fato de que a vivência da maternidade/paternidade na adolescência pode trazer desvantagens, dificuldades e perdas sociais que não apenas interfeririam na vida dos adolescentes individualmente, mas, com repercussões no ambiente conjugal, familiar e social.

Contrariamente à visão pessimista da literatura e da sociedade, existem estudos que apontaram diferentes percepções da maternidade e paternidade pelos progenitores.

Out e Lafrenière (2001) mencionam vários estudos, nos quais se demonstram que os adolescentes subestimam as demandas envolvidas na parentalidade e tendem a perceber mínimas conseqüências sociais negativas associadas à gravidez adolescente.

A percepção da maternidade de maneira positiva é identificada em alguns estudos como de Aronson (1994); Madeira e Tsucheniro (2003); Folle e Geib (2004); Silva e Tonete (2006). Parece haver uma busca de estabilidade revelada por meio da percepção do filho como algo próprio, um bem. Isto pode revelar uma tentativa de obter autonomia, atingir a maturidade e perceber sua própria competência para cuidar do filho.

Embora tenhamos vivência profissional, além da revisão da literatura, percebo que existe algo oculto na vivência desses adolescentes que já vivenciam a maternidade e a paternidade recorrentes.

Assim, o presente estudo objetivou compreender a percepção que os adolescentes pais e mães têm da

parentalidade recorrente na adolescência.

Desse modo, pretendemos com os resultados obtidos nesta pesquisa contribuir para a assistência de Enfermagem aos adolescentes e elaboração de programas de saúde e outras investigações na área.

Procedimento metodológico e filosófico

Optamos pela realização de um estudo qualitativo fenomenológico, tendo Alfred Schütz (1972) como referencial teórico-filosófico.

Ao refletir a respeito deste fenômeno, buscamos compreender as experiências de ser adolescente mãe e pai e como ocorrem a maternidade e a paternidade repetidas nessa faixa etária, não me detendo exclusivamente na ação de um indivíduo, mas, no significado que esta ação projetada tem para o grupo envolvido.

Dessa forma, a fenomenologia social possibilita investigar não os comportamentos individuais, mas, sim, conhecer como se constitui um grupo social que vive em determinada situação típica.

Fizeram parte do estudo cinco pais e dez mães. O número de sujeitos que fez parte da pesquisa, não foi definido previamente, mas, sim, com base nas descrições obtidas nos depoimentos. Desta forma, quando os dados foram repetindo-se, mostrando sinais de desvelamento do fenômeno, decidimos que era o momento de parar a coleta.

Para definir a região de inquérito, levei em consideração o fato dos sujeitos serem adolescentes (Brasil, 1996) e pais e mães recorrentes. Portanto, o critério de inclusão foi a vivência da repetição da maternidade / paternidade na adolescência.

A abordagem inicial dos sujeitos deu-se no Ambulatório de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital

Ipiranga (SP), mediante autorização da instituição. Como forma de ampliar o universo das experiências, a aproximação com os demais sujeitos também foi feita por meio de indicação dos primeiros adolescentes entrevistados nos locais acima referidos.

A coleta de dados foi feita por meio de depoimentos, no ano de 2005, sendo gravados, mediante autorização dos participantes e norteados por um roteiro constituído de questões abertas. Alguns depoimentos aconteceram no próprio Ambulatório de Ginecologia e Obstetrícia da instituição acima mencionada, outros aconteceram em locais combinados, conforme a conveniência dos entrevistados.

As seguintes questões nortearam a entrevista com os adolescentes: Como foi para você ser mãe/pai pela primeira vez? Como aconteceu o nascimento do outro filho? Como é ser mãe/pai mais de uma vez, ainda adolescente? O que você espera do futuro sendo mãe/pai tão jovem?

Não houve ordem rígida para formular as questões, permitindo aos adolescentes a livre exposição de relatos sobre o tema proposto com base em suas vivências.

Tomou-se o cuidado de proporcionar aos adolescentes a liberdade e a espontaneidade necessárias para relatar suas experiências de maneira ampla e equilibrada para que pudessem descrever de forma mais precisa possível o ocorrido com eles ao viverem essa experiência e o que pensam sobre o futuro.

Este estudo obedeceu às normas regulamentadoras da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde⁽¹⁹⁾, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos. Assim, antes de realizar cada entrevista, apresentamos objetivo do estudo e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para que os entrevistados pudessem assinar, caso

concordassem conceder seus depoimentos. Por se tratar de adolescentes, a assinatura no referido termo, também, foi realizada por uma testemunha ou pelo responsável legal do interessado.

A identificação dos participantes do estudo foi feita com pseudônimos a fim de assegurar-lhes o anonimato. Este projeto de pesquisa foi submetido a uma avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, obtendo o parecer positivo.

Os depoimentos foram submetidos à análise e interpretação, segundo o referencial teórico-filosófico de Alfred Schütz, possibilitando construir cinco categorias temáticas: Contextualizando a percepção sobre ser pai/mãe adolescente; Vivenciando perdas; Vivenciando ganhos; Buscando segurança para o futuro; e Experienciando situação ambivalente.

Dentre as categoria temáticas emergidas dos depoimentos destacamos, neste momento, os temas desvelados *Vivenciando perdas e ganhos*, com objetivo de estimular a reflexão sobre o aspecto existencial da vivência da parentalidade nesta fase do ciclo vital e fazer considerações sobre a assistência à saúde reprodutiva dos adolescentes.

Resultados e discussão

Na categoria *Vivenciando perdas* percebemos que a parentalidade exigiu dos jovens a assunção de novas responsabilidades, o que demandou a diminuição de participação em atividades de lazer e recreação. Interromper os estudos antes do planejado ou impossibilitar sua continuidade e para alguns rapazes a busca de algum trabalho.

O nascimento dos filhos, impediu os adolescentes de um convívio social mais intenso como antes, restringindo-os ao ambiente fami-

liar. Passaram de uma vida social ativa tão necessária a estes jovens que estão buscando a construção de uma identidade adulta, para uma vida caseira, como passamos a apresentar:

... *Hoje, tenho que trabalhar. Não posso ficar com eles [os filhos] porque onde trabalho é longe [em tempo integral]. Então, eu passo minha responsabilidade toda para o pai deles, por algum tempo, né? ...*
JASPE

... *[no primeiro] não sabia cuidar de criança, cuidava na marra, né?*
SAFIRA

... *Eu não era de sair, mas agora com os filhos fica difícil, né?*
JADE

... *a liberdade é o pior, não pode sair, não pode fazer quase nada ...*
ESMERALDA

Vários pesquisadores referem que o ônus da criação do filho é maior à mulher e após o primeiro filho, fica difícil para ela retomar os estudos, assim, diminuem suas oportunidades de trabalho (Carvalho e Merighi, 2004; Carvalho e Barros, 2000; SmithBattle, 1998; Vitale, 2006). No entanto, aos rapazes, as perdas não são poucas.

Nos discursos seguintes, podemos perceber que a parentalidade repercute no desejo de independência e liberdade do adolescente que tem que repartir seu tempo, espaço e dinheiro, etc., com o filho:

... *uma coisa de ruim em ser pai muito jovem é que você perde muito, muita oportunidade, escola, trabalho. ... Eu perdi muita coisa, muita coisa que poderia ter feito e, hoje, eu já não posso mais. Perdi toda a minha liberdade. Porque sendo pai, o tempo que poderia ser todo seu, agora você tem que dar pro seu filho ... Não, me lembro de ganhar nada!*
ÔNIX

Ah!, eu perdi, muito, né? Sem dúvida, eu perdi! Na verdade, eu consigo acompanhar tudo [fazendo o que

gosta], porque eu continuo tocando [música]. Perdi, né? Apesar de conseguir acompanhar muita coisa, eu perdi. Você fica longe da situação financeira, assim, longe do seu ideal. Tenho vontade, sempre tive vontade de ter um carro, uma moto. Eu terei, com certeza, com o trabalho que estou, só que ainda não tenho, vou ter ainda. Não tive como consequência dos filhos, né? Por isso, que eu falo, assim, da idade, porque com uns 25 anos você pode se estruturar melhor, né? Pode dar uma vida melhor. TOPÁZIO

As próximas verbalizações apontam a demanda de atenção que a criação de uma criança exige e denunciam a perda aumentada para a genitora, sobretudo, àquelas jovens de nível socioeconômico mais baixo, cujos entornos são potencialmente perigosos, violentos ou excludentes:

... a pessoa tem que se dedicar muito. Abrir mão de tudo, porque se perde a liberdade Mas eu conheço muita gente que é mãe hoje que deixa filho largado em casa e vai pra balada. Porque não deu pra fazer naquela época, agora, tá descontando. ÁGUA-MARINHA

... Ter filho mais cedo, eu acho que depende da pessoa. Eu não aconselharia uma pessoa a ter. A sua vida muda, você não pode fazer as mesmas coisas que fazia. PEPITA

... É ruim porque a gente é muito nova e não dá pra trabalhar. Tem parar de trabalhar pra cuidar da criança. Aí, que é ruim ... porque perde a liberdade totalmente, mas de tudo! o que eu ganhei com o nascimento ... eu ganhei nada ... muito nada. Ser mãe é como eu falei, é difícil ... difícil pra tudo ... eu acho que tem que pensar mais pra ter cedo. Perde tudo! ... Parei de estudar e trabalhar ESMERALDA

... Eu quero terminar de estudar ... tive que parar na segunda série, no

início da primeira gravidez porque estava tendo enjôo ... ÁGATA

... Tentei voltar a estudar no ano seguinte, mas engravidei e tive que interromper ... você perde a sua juventude. Assim, não dá pra sair, você fica mais com seus filhos, né? ... se eu foss e planejar eu teria com 18/20 anos. MARCASSITA

... mas se fosse um tempo atrás, eu não teria ... perdi bastaaante a liberdade! Eu não era muito de sair mas, agora, com os filhos fica difícil, né! JADE

Reitero que a sociedade tende a considerar a gravidez e a parentalidade adolescente pelo lado negativo. Entretanto, existem casais adolescentes que demonstram um bom desempenho escolar e profissional além dos papéis parentais. Talvez até querendo provar a si mesmo e à sociedade que são capazes de cuidar de si e de seus filhos. Pois, diferente da adultícia, na adolescência, a parentalidade é cercada de cobranças, ressaltando-se a falta de jeito, as falhas, erros e omissões.

Na categoria Vivenciando ganhos os relatos mostram que para muitos a parentalidade representa, também, lucros. A experiência dos ganhos está relacionada ao amadurecimento, à responsabilidade, à satisfação advindos do exercício parental e à satisfação pessoal de realizar-se como mulher/mãe, homem/pai.

Muitos autores referem que a maternidade/paternidade, para alguns adolescentes, é uma escolha e, às vezes, para outros, é até uma solução para a vacuidade existencial, para a baixa auto-estima, solidão ou e/ou abandono emocional.

Sob esta ótica, para muitos adolescentes ter um filho é uma maneira de garantir para si algo próprio e o suprimento de uma identidade social à sua subjetividade fragilizada. O jovem ganha

uma identidade própria de “mãe ou pai”, socialmente reconhecida, passando a ser este um de seus objetivos.

... pra mim, é melhor ter filho porque eu não gosto de ficar sozinho. Pra mim, não tem nada a ver a idade se a pessoa se gosta se assume o filho, não tem diferença. Só assim ... de bom, tipo a minha mãe, ela tem trinta e eu 16 ... a gente trabalha junto ... eu ajudo ela ... ter filho cedo é bom por isso. JACINTO

... É bom porque a gente pode cuidar melhor, pode dar mais atenção ... porque a gente pode acompanhar o crescimento ... a gente é mais nova, tem mais tempo ... não trabalha. ESMERALDA

Eu acho que, pra mim, foi bom porque eu amadureci mais rápido. Veio uma responsabilidade pra mim. Fiquei mais responsável, tudo que vou fazer, tenho mais consciência por causa dos meus filhos. Acho que a coisa boa pra mim, é que tenho eles e isso ajudou também para mim... para... como vou falar... ficar mais maduro.. amadureci mais rápido do que o normal. DIAMANTE

Pelas falas dos sujeitos, foi possível apreender que a parentalidade parece inserir os adolescentes no mundo adulto. No que se refere aos rapazes, a responsabilidade pelos seus atos demonstra ser um dos atributos de virilidade, que fazem parte do ideário da masculinidade. No entanto, resalto que se torna difícil para os jovens assumir a paternidade sem os suportes familiares e sociais.

Apoiados nos depoimentos dos sujeitos, depreendemos que nem sempre a experiência parental foi planejada, mesmo assim, esta não foi indesejável. Relatam uma satisfação com o nascimento dos filhos.

Ao refletir sobre a questão da idade dos sujeitos, intuimos que as dificuldades que os jovens enfrentam estão mais associadas à carên-

cia econômica, à precariedade de serviços de apoio e ou da família e aos recursos disponíveis que incrementam as perdas e frustrações no processo paternal, podendo levar a um desempenho parental insatisfatório.

Tomamos conhecimento que os familiares, com frequência, assumem um papel relevante no cuidado da criança, permitindo aos adolescentes lidar de forma adequada com o estresse da parentalidade.

... minha mãe me ensinou um pouco no começo ... cuidando da casa; no momento eu não tou cuidando, tem gente que tá cuidando. Minha mãe paga uma moça para cuidar da casa. Eu acho que sou uma boa mãe, minha mãe acha que só ela é a melhor ... só ela que cuida bem dele e, pronto! JADE

... trabalho no departamento de vendas de cilindros hidráulicos [com o pai]. JASPE

Chama a atenção o fato de que a união conjugal e/ou assunção da paternidade pode não somente alterar a percepção da gravidez/maternidade pela adolescente, mas a percepção de toda a família, que passa a ter uma visão mais favorável do evento.

Em relação às conseqüências da parentalidade na vida conjugal de adolescentes observa-se duas situações, uma positiva e outra negativa. Se por um lado, esta uniria o casal, pela decisão de viverem juntos, promovendo o crescimento de ambos e uma relação afetiva positiva, também, com benefícios à(s) criança(s). Por outro lado, o nascimento de um filho e a decisão de morar juntos poderia desfazer o estado de enamoramento anterior, levando esses casais a experimentarem mais problemas conjugais e separações (Levandowski, Picinini, 2004):

... Pretendo casar, mas só quando tiver 18 anos. JACINTO

... mas quando tem família, você pensa, tem que trabalhar direitinho, certo, pra dar um futuro melhor pra eles ... ensinar o que é certo e errado. CRISÓLITO

... Causa que, o meu futuro, é o futuro dos meus filhos. Esse está sendo o meu projeto, dar o melhor, ter uma família estruturada. Eu estou botando muita confiança neste meu novo relacionamento. ÔNIX

Considerações finais

Os depoimentos evidenciaram que os sujeitos deste estudo vivenciaram situações conflituosas no processo de maternagem/paternagem; e no relacionamento afetivo estão tentando elaborar suas perdas e ganhos, enquanto são compelidos pelas contingências da parentalidade em sua faixa etária, a "assumir" responsabilidades mais precoces. Entretanto, estavam conseguindo, na maioria dos casos, manter o vínculo afetivo com os filhos e com o(a) companheiro(a) e desempenhar satisfatoriamente os papéis paternos.

Compreendemos que existem múltiplas vivências da parentalidade adolescente, dependentes do contexto social que, por sua vez, definem os desejos, possibilidades e significações deste fenômeno nas distintas classes sociais.

Parece que a vivência da gravidez e a parentalidade na adolescência não divergem muito da vivência na adultícia. As maiores diferenças, talvez, esteja nas singularidades dessa faixa etária e na realidade social vivida pelos adolescentes. Pais e mães adolescentes enfrentam uma tarefa dupla: tornarem-se adultos, superando as contingências da adolescência: construção de uma identidade, construção da imagem corporal, superação das figuras pa-

rentais e profissionalização e, ainda, educar seus filhos.

As implicações da parentalidade recorrente para o adolescente são inúmeras e, obviamente, o apoio familiar, psicológico e social constituem-se em fatores protetores.

Pela percepção dos adolescentes, notamos que eles fazem uma associação de ser pai/mãe, com sentimentos bons, de grande emoção, sonho, susto, surpresa, expectativa, estranheza, novidade e experiência de novas formas de afetividade e preocupação com as mudanças que podem acontecer. Há uma coexistência de diversos sentimentos.

A assistência aos adolescentes deve considerar não só os aspectos teóricos e cronobiológicos, mas, os fatores psicossociais e culturais que estão envolvidos na parentalidade desse grupo social. Deve-se, também, compreender a vivência desses jovens, pois só os que experienciam a ação, poderão atribuir o sentido que esta lhes significa. Importa, então, incorporar à prática assistencial a visão de quem é assistido.

Por mais precárias que sejam as condições vivenciadas, noto nas falas dos adolescentes um esforço no sentido de reorganizar as suas vidas por meio de projetos, expectativas, desejos e sonhos, constituindo, assim, seus *motivos para ou a fim de*.

Assim, os adolescentes estão buscando suas identidades. Eles querem ser adultos, fortes, independentes, querem se auto-afirmar. Portanto, deve-se criar um ambiente favorável para esses jovens crescerem e amadurecerem. Entendo que, ajudar os adolescentes neste processo de construção de uma identidade será apontar-lhes um caminho para que conquistem autonomia e desempenhem bem o papel que desejarem, o que poderá até incluir o de pai/mãe e ou pai/mãe mais de uma vez.

Apoiamos, então, a importância de ações educativas baseadas na relação face a face de intersubjetividade, com respeito mútuo entre os clientes e os profissionais de saúde por meio de palestras e oficinas

abordando o cuidado pré-natal, o preparo para o exercício da maternidade/paternidade, a puericultura e o planejamento familiar, usando técnicas de atividades práticas (*hands-on techniques*), representação de

papéis (*role-play*) que são essenciais, tanto à prevenção da gravidez indesejada como para encorajar a boa vivência da parentalidade.

REFERÊNCIAS

- Almeida AM, Trindade RFC, Gomes FA, Nilsen L. Maternidade na adolescência: um desafio a ser enfrentado. *Rev Bras Enferm*. 2003;56(5):519-22.
- Arenson JD. Strengths and self-perceptions of parenting in adolescents mothers. *J Pediatr Nurs*. 1994;9(4):251-5.
- Bello MAV, Pinto e Silva JL. Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. *Rev Saúde Pública* 2004;38(4):479-87.
- Bocardi MIB. Gravidez na adolescência: o parto enquanto espaço do medo. São Paulo: Arte & Ciência; 2003.
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Regula pesquisa envolvendo seres humanos. *Bioética* 1996;4(2 supl):15-25.
- Brasil. Ministério da Saúde. Divisão Nacional de Saúde Materno Infantil. Prosad- Programa de Saúde do Adolescente: bases programáticas. 21ª ed. Brasília (DF); 1996.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Projetos Especiais de Saúde. Coordenação Materno-Infantil. Serviço de Assistência à Saúde do Adolescente. Prevenção intersectorial da gravidez na adolescência. Brasília (DF); 1997.
- Carvalho GM, Barros SM. Fatores psicossociais relacionados à gravidez na adolescência. *Acta Paul Enferm* 2000;13(1):9-17.
- Carvalho GM, Merighi MAB. Gravidez na adolescência. In: Carvalho GM. *Enfermagem em ginecologia*. São Paulo: EPU; 2004. p. 59-69.
- Cotes P, Aranha C, Barbi D. Mães antes da hora. *Época* 2004 Mar 8; Seção Comportamento: 54-9.
- Folle E, Geib LTC. Representações sociais das primíparas adolescentes sobre o cuidado materno ao recém-nascido. *Rev Lat-Am Enferm* 2004;12(2):183-90.
- Gomes SEC. Gravidez na adolescência e sua recorrência [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2004.
- Levandowski DC, Piccinini C. Paternidade na adolescência: aspectos teóricos e empíricos. *Rev Bras Cresc Desenv Hum* 2004;14(1):51-67.
- Madeira AMF, Tsunehiro MA. Crescer com o filho: a singularidade do adolescer mãe. In: Merighi MAB, Praça NS. *Abordagens teórico-metodológicas qualitativas: a vivência da mulher no período reprodutivo*. São Paulo: Guanabara Koogan; 2003. p. 59-80.
- Marsiglio W. Adolescent males' orientation toward paternity and contraception. *Fam Plann Perspect* 1993;25(1):22-31.
- Out JW, Lafreniere K. Baby think it over: using role-play to prevent teen pregnancy. *Adolescence* 2001;36(143):571-82.
- Sadigurski CA. Um estudo sobre a descontinuação dos métodos contraceptivos na adolescência. *Estilo de Viver* 2001;1(4):11.
- Schütz A. *Fenomenologia del mundo social*. Buenos Aires: Paidós; 1972.
- Silva L, Tonete VLP. Gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Rev Latino-Am Enferm* 2006;14(2):199-206.
- SmithBattle L, Leonard VW. Adolescent mother four years later: narratives of the self and visions of the future. *Ans Adv Nur Sei* 1998;20(3):36-49.
- Vitalle MSS, Amancio OMS. Gravidez na adolescência [online]. [capturado em: 2006 Abr 30]. Disponível em: www.brazilpednews.org.br/set2001/bnpar101.htm
-

Recebido em 8 de abril de 2008
Aprovado em 30 de junho de 2008